

B O L E T I M 2

A PSICOFOBIA E O TDAH

A PSICOFOBIA É UM TRANSTORNO MUITO COMUM HOJE EM DIA, especialmente no público dos especialistas que pretendem diagnosticar o TDAH.

SEU SINTOMA BÁSICO É O TEMOR (FOBIA) DO SUJEITO (PSIQUE = ALMA, MENTE), DA SUBJETIVIDADE, expresso no enquadramento e silenciamento daqueles que, ao receberem o veredicto de “transtornados” ou “hiperativos”, são sentenciados e condenados através de um diagnóstico.



A condenação e silenciamento dos sujeitos se realiza através da alegação de que há alterações na circulação de dopamina, catecolamina ou noradrenalina nos cérebros das pessoas portadoras de TDAH.

Essas alterações seriam a “causa” do comportamento distraído ou hiperativo, e não o



efeito de conflitos, hábitos, preferências ou aversões dos estudantes em relação a um determinado tipo de comportamento socialmente determinado.

PSICOFOBIA: A MORTE DO SUJEITO

Conflitos inconscientes,
problemas emocionais,
inconformismo,
desigualdades de inserção
social, desinteresse...

Nada disso é levado em
consideração quando se
diagnostica alguém como
portador desse transtorno.

O fato de um estudante
ser tido como “distraído”
na sala de aula não
configura necessariamente
uma doença. Significa, no
mais das vezes, que o
assunto ou o objeto sobre
o qual se pretende que
ele aplique sua atenção
não o atrai

A grande
hamartia
(pecado, erro)



desse procedimento é
ignorar que o homem
é um ser psicossocial,
um animal cultural, e
focar o alvo apenas
em cima de um
sintoma,
descontextualizando-o

FÓRUM SOBRE
MEDICALIZAÇÃO
DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE

PSICOFOBIA: A MORTE DO SUJEITO

**A formação médica,
ainda hegemônicamente
positivista e tecnificada,**

faz com que a maioria dos médicos aprenda a descontextualizar as doenças para interpretá-las, como se fossem um mal que “acontece” ao indivíduo, uma fatalidade, e não a expressão de modos e, mais ainda, de (im)possibilidades de vida, de desejos, sonhos, conflitos, sofrimentos, ações e omissões do indivíduo. Eles são quase-doutrinados para maximizarem a importância de aspectos genéticos e bioquímicos e minimizarem os fatores subjetivos, históricos, políticos, culturais, econômicos, implicados nesse processo.

**FÓRUM SOBRE
MEDICALIZAÇÃO
DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE**



No fundo, a questão gira em torno de concepções sobre ciência, da visão que se adota acerca do que se supõe ser o homem: um ser eminentemente bioquímico ou um sujeito, dotado de cultura, história, consciência, linguagem, pensamento, saberes, afetos...



Essa concepção organicista, que retira a vida de cena, permeia a formação de todos os profissionais da saúde, em maior ou menor grau: médicos, enfermeiros, nutricionistas, fonoaudiólogos, e até entre psicólogos.

Quando alguém está doente, muitas vezes é imperioso definir rapidamente o diagnóstico, a fim de usar a medicação adequada, quando indicado. Geralmente, o médico pode saber com segurança se uma pessoa está ou não enferma, por meio de instrumental relativamente objetivo e seguro.

PSICOFOBIA: A MORTE DO SUJEITO



NO CASO DO TDAH, TOD E OUTROS SUPOSTOS TRANSTORNOS

a situação é bem diferente: não há instrumental com um mínimo de objetividade que possa indicar se uma pessoa é portadora ou não de TDAH ou outro suposto transtorno.

Pior: no momento em que o sujeito é *diagnosticado* como possuindo um transtorno, o *diagnóstico* em si mesmo “adere” ao agora “paciente” e o transforma numa coisa, o desumaniza. Quando o paciente internaliza esse rótulo, passa se a ver como um doente e não pode mais se sentir responsável por si mesmo.

A pessoa é desapropriada, despossuída de si mesma.

O tratamento medicamentoso vai cegá-lo para si mesmo, e, ao mesmo tempo, colocar o médico na condição de surdo em relação à sua verdade subjetiva.

Portanto, deve-se ter sempre em mente tanto os efeitos iatrogênicos implícitos ao próprio ato de diagnosticar quanto os resultantes dos medicamentos.

**Pois como recomendava Hipócrates:
“Antes de tudo, não cause dano...”**

Os sintomas psíquicos são sinais, mensagens, que apontam para a existência de conflitos, de sofrimentos.

Quando os sintomas são vistos como “o mal”, quando não são escutados, acolhidos e compreendidos, o tratamento *erra o alvo, perde o foco, se distrai, trai o sujeito* que demanda apenas respeito, atenção e acolhimento.

PSICOFOBIA: A MORTE DO SUJEITO

E MAIS GRAVE:

quando a solução apontada não é a escuta do sujeito e o respeito à sua singularidade, porém se restringe à medicação como único instrumento terapêutico, o sujeito é expropriado de si mesmo, perde o direito de autogerir as próprias emoções e o tratamento condena o paciente ao mutismo e o psiquiatra ou neurologista, à surdez.

QUAL O REMÉDIO PARA TUDO ISSO?



Contra a medicalização da vida, os profissionais da saúde precisam entender o outro que está à sua frente como um outro sujeito.

Não um mero ser bioquímico, um "paciente", mas um Sujeito dotado de linguagem, consciência, valores, história. Um Sujeito "datado e situado", com as marcas de seu tempo e espaço.

**FÓRUM SOBRE
MEDICALIZAÇÃO
DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE**

Em um ambiente de seres humanos, o mais poderoso recurso curativo é confiança e respeito, o afeto comprometido que pode se estabelecer entre duas pessoas, num diálogo franco e aberto, onde o curador e aquele em tratamento tentem se livrar de seus preconceitos, rótulos e conceitos engessantes e se entregar a um processo de (auto) transformação, onde o novo possa emergir.

PSICOFILIA: ANTÍDOTO PARA PSICOFOBIA

Nem todos os profissionais da saúde concordam com abordagens medicalizantes e desubjetivantes.

Tristeza, angústia, dores, alegria, são resultantes de escolhas que fazemos em nossas vidas e das condições sociais e políticas que nos atravessam e não produto de neurotransmissores que funcionariam erroneamente e precisariam ser corrigidos com psicofármacos.

Um corpo biológico vivo interage constantemente com seu entorno, transformando e sendo transformado



por ele. Somente corpos sem vida não interagem com o mundo, com outros corpos.

Nas interações que constituem a vida, um corpo vivo se emociona, se afeta, produz neurotransmissores.

Os neurotransmissores são resultado da vida viva e não moléculas proteicas que, autonomamente, determinariam a vida em um corpo sem vida.

Não existe a “Pílula da Felicidade”, existe a luta por condições de vida dignas, sem desigualdades, por acesso universal a Educação e Saúde de qualidade.

FÓRUM SOBRE MEDICALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO E DA SOCIEDADE

PSICOFILIA :

- ⇒ VALORIZAÇÃO DA SUBJETIVIDADE
- ⇒ ANTÍDOTO PARA A *PSICOFOBIA*
- ⇒ ACEITAÇÃO DAS DIFERENÇAS
- ⇒ DISPONIBILIDADE PARA O DIÁLOGO
- ⇒ LUTA CONTRA TODA DISCRIMINAÇÃO



Cuidadores, terapeutas, médicos, psicólogos, unamo-nos todos em prol da humanização da saúde!

Leia, assine, divulgue o
“Manifesto do Fórum sobre
Medicalização da Educação e
da Sociedade”

www.medicalizacao.org.br